

RECUPERANDO A CULTURA DAS FONTES E A ÁGUA NO MONTSENY

Oscar Farrerons-Vidal

*Escola d'Enginyeria de Barcelona Est.
Universitat Politècnica de Catalunya.
Oscar.farrerons@upc.edu*

Resumo

Investigação teórica e empírica sobre as fontes do Montseny. Se reivindica a perspectiva social dos mananciais e a recuperação das tradições, dos costumes e hábitos, com as fontes e a água como protagonistas. Se analisa a relação entre as fontes e a ocupação humana, as lendas e o imaginário comum, os primeiros excursionistas e turistas, as romarias que acabam com as fontes, os mananciais atualmente perdidos, a nova indústria da água em torno das fábricas de engarrafamento, e os espaços patrimoniais. A comunicação valoriza os valores históricos e éticos das fontes do Montseny, destacando o direito humano a água de seus mananciais, e a recuperação da sabedoria popular entorno das fontes naturais. Se propõe conhecer as fontes, assim como conservar, manter e controlar periodicamente a qualidade das suas águas, para assegurar que as próximas gerações possam desfrutar delas.

Palavras-chaves: fontes, águas naturais, Montseny, cultura da água.

1. Introdução

O parque natural do Montseny está localizado na Cordilheira Pré-litoral Catalã, da qual é o maciço mais alto, distribuindo seus 31.000 hectares entre 18 municípios das províncias de Girona e Barcelona. Em 1978 a Unesco o declarou como uma reserva da biosfera, uma vez que dispõe de comunidades vegetais típicas dos três grandes biomas europeus, apesar de sua modesta superfície. Caracteriza-se pelo grande número de fontes naturais existentes e pela relação histórica e cultural que as pessoas de seu entorno têm mantido com elas. A atividade humana está relacionada com a abundância de água, que é utilizada para irrigar plantações, para mover moinhos e forjas, como um lugar de recreação, para lavar roupas, como uma zona de reunião, de encontros e área de parada. A água e as nascentes do Montseny são patrimônios naturais e culturais a serem conservados.

2. Projeto “Fontes de Montseny”

Há dois anos, o autor deste artigo e o fotógrafo Adrià Corella realizam um projeto de pesquisa que visa estudar as fontes de Montseny de maneira teórica e prática. Fonte é qualquer afloramento natural de água, seja construída ou não pela mão humana. Uma fonte pode ser natural, a água que brota da terra ou das rochas; ou artificial, construção de pedra, tijolo ou ferro, com um canal ou uma torneira. No Montseny identificamos mais de 750 fontes, e estudamos suas condições, referenciando em GPS suas coordenadas, destacando o estado de manutenção, o tipo de água que brota de seu manancial, e as histórias e lendas associadas a elas. Também foi realizado um conjunto de fotografias de cada uma delas. Todo

esse material pode ser consultado através de redes sociais e googlemaps em constante atualização.¹

Outros autores (Boada, 2003) já haviam se aventurado à presença de cerca de 700 fontes em Montseny, embora sem nenhuma lista específica. O verdadeiro valor das fontes do Montseny não é sua elevada quantidade, mas sim o quão variadas elas são. Existem fontes em alta altitude, enquanto outras estão muito próximas dos canais; há fontes agradáveis, generosas e românticas; algumas estão perdidas, outras meio escondidas. Existem fontes históricas e outras simples. Existem as cativantes, misteriosas, espantosas e presunçosas. Também identificamos fontes urbanas procedentes de mananciais naturais históricos, embora estejam agora conectadas à rede municipal.

3. O Montseny

O Montseny é um bloco montanhoso de perfil arrogante, visível desde muitos lugares da Catalunha e reconhecido por sua beleza a mais de um século (Farreras, 1929). O nome do maciço provém do latim *Mont Signus*, o que deixa clara a fisionomia de seu relevo. É um mosaico de paisagens do Mediterrâneo e da Europa Central, cuja biodiversidade e atividade do homem ao longo dos anos inspirou artistas e poetas.

De um modo geral, o maciço se estrutura em duas partes geológicas diferenciadas: o rodapé formado por rochas vulcânicas e metamórficas; e a cobertura constituída por rochas sedimentares (Barberà, 2000). Esta característica geológica influi de maneira determinante nas fontes do Montseny (Castelló, 2000).

As diferenças de umidade e temperatura explicam a variada vegetação que se desenvolve no Montseny. De baixo para cima encontramos formações vegetais mediterrâneas (azinheiras, sobreiros e pinhais), montanhas chuvosas (azinheiras montanhosas e carvalhos), ambientes da Europa Central (bosques de faias e abetos) e entornos subalpinos nos picos (matos e prados). Existem espécies isoladas que encontram no Montseny um último canto para se estabelecerem (Panareda, 2007).

A fauna de Montseny caracteriza-se pela existência de espécies típicas da Europa Central nas áreas altas e pelos próprios ambientes mediterrânicos nas partes baixas. Existem ao redor, cerca de 270 espécies de vertebrados e cerca de 10.000 invertebrados. O que confere ao Montseny um caráter mais singular à fauna são os gêneros da Europa Central, muitos deles ligados à água e suas fontes, como a rã vermelha, o tritão e o musaranho-d'água.

4. As fontes antigas

A população no Montseny data dos tempos pré-históricos, como atestam as descobertas de Aiguafreda e Brull. A relação do Montseny com a água vem desde a antiguidade, pois os primeiros assentamentos humanos estão relacionados à presença de água como elemento necessário para garantir a subsistência. No mundo antigo, a ocupação de novas terras

1

<https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=es&mid=1NR7adiDk2597xsoOa7sFAvUucBE&ll=41.77379618536315%2C2.421964986732519&z=12>

adequadas para o cultivo, no Montseny também envolvia a busca e localização de água. Os povoados da cultura ibérica, apesar de localizarem em colinas, sempre estiveram em lugares perto de fontes de água, como a *fonte dels Empoadors*, ao pé da muralha ibérica de Montgrós.

Na cultura antiga, as fontes eram lugares sagrados e espaços de saúde. Esta bondade das águas era consequência de mitos ligados às suas origens. As nascentes naturais entre rochas e os mananciais naturais converteram-se em santuários de ninfas neste mundo passado. Na *fonte de les Paitides* (Viladrau) desde à antiguidade aparecem fadas de água nas noites prateadas (Renau, 2001). No Montseny estas fontes antigas estão situadas nas partes baixas do maciço, onde o povoado se estabilizou após a romanização.

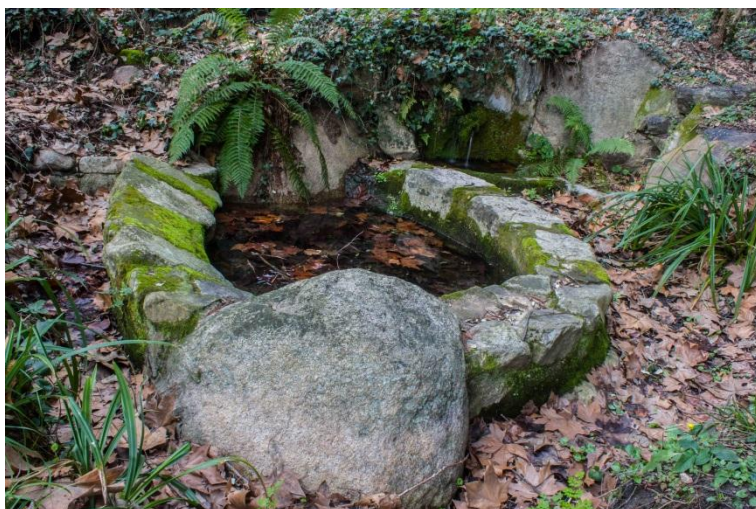
Com a romanização, os novos assentamentos entre os séculos III e I a.C situaram-se nas planícies que cercam o Montseny, perto das vias de comunicação como a Via Augusta ou a Via Ausa. Chegou também água canalizadas para fontes e termas urbanas. Os escritos de Vitrubio chegam até a época medieval, materializando-se em exemplos tão engenhosos como o sistema de canalização, purificação e armazenamento de água do castelo de Montsoriu (Breda - Sant Feliu de Buixalleu).

5. As fontes e a ocupação humana do Montseny

Por mais de 1000 anos, a presença humana e os mananciais de água do Montseny mantêm uma relação intrínseca (Lloreda, 1902). A *fonte Fresca* (Aiguafreda) é uma das mais antigas documentadas no maciço, desde 898 no ato de consagração da igreja de Sant Martí del Congost.

Na época medieval também era muito habitual encontrar a presença de fontes em delimitações como por exemplo a *fonte del Vilar* (1255) e a *fonte d'Arenes de Cerdans* (1309). O recurso da água há condicionado a localização dos assentamentos desde tempos imemoráveis. No Montseny podemos encontrar um manancial perto de cada fazenda, como a *fonte de Can Viader Vell* (Gualba) ou a *fonte de Can Perera* (Cànoves i Samalús).

Imagem 1. Fonte de Can Viader Vell em Gualba.



Fotografia de Adrià Corella.

A maioria das igrejas e ermidas possuem perto um afloramento de água, de onde frequentemente tiram o nome. Assim temos a *fonte de Sant Miquel de Grions* (Sant Feliu de Buixalleu) ou a *fonte de Sant Martí* (El Brull).

No Montseny são relevantes as fontes ao pé do caminho, como a *fonte del Pontasco* (Aiguafreda), que está relacionada com a passagem do caminho real. Outras com as passagens históricas da montanha, como a *fonte de l'Or* na senda de Viladrau a Sant Segimon. Encontramos fontes nas maiorias das pistas que conduziam aos centros populacionais e em caminhos de carvão e lenhadores. Algumas destas fontes estão atualmente dentro de centros urbanos, como a *fonte de rua dels Còdols* (Breda). As fontes sempre foram paralelas à exploração humana da montanha como um elemento inseparável da relação entre o homem com o meio.

6. Fontes e lendas

Mais além do patrimônio material, as fontes e a pureza de suas águas, também formam parte da própria identidade cultural do Montseny em forma de lendas (Herrero, 2002). As crenças em torno das fontes do Montseny consideravam um mau agouro lavar os pés nas fontes, da mesma forma que se creia que, se alguém urinasse em alguma fonte, suas águas se tornariam endemoninhadas. As fontes são pontos de encontros de seres mágicos, muita das vezes malignos, como as bruxas da *fonte de Briançó* onde se encontravam para provocar granizo e estragar as plantações.

As lendas contam a origem e a bondade das águas das fontes, como o mito da *fonte del Noi Gran* (Viladrau). Havia um pequeno menino que não tinha forças e sempre estava doente. Um ano que houve uma grande seca, os garotos do povoado iam a fonte procurando por água, mas ele não podia ir devido a sua saúde; o menino, entristecido, as escondidas, começou a buscar pela noite água e cada vez que achava um jarro, bebia. Até que se converteu em um garoto grande e forte que provia água para todo o povo.

A mitologia conta que a *fonte de l'Or* na montanha de Sant Segimon (Franquesa, 1919), se cham assim porque as fadas lhe haviam dado algumas migalhas de cereais a uma menina, que em realidades eram moedas de ouro encantadas.

7. Primeiros excursionistas e turistas

O Montseny seduziu aos primeiros excursionistas no último terço do século XIX, mas diferente do resto da Europa onde os clubes de excursionistas eram fomentados basicamente pelo amor a montanha, na Catalunha o principal fator era o desejo de explorar o país em busca do passado histórico (Pach, 1951). Os novatos excursionistas provenientes da burguesia barcelonesa seguiram os passos do guia pioneiro de 1879 de Artur Osona² e pronto se converteriam em turistas. Este ilustre parceiro do Centro de Excursionismo da Catalunha, dá relevância a vinte e duas das fontes mais representativas do maciço, como as *fontes do Teula* e *Sant Andreu de la Castanya*. Outro ilustre excursionista, Jaume Almera, nos

² Artur Osona Formenti (1840-1901), escritor e excursionista, publicou 14 guias de Catalunha e Andorra, reeditadas em várias ocasiões. Comerciante internacional, importou da Suíça o montanhismo moderno à Catalunha.

fala em 1884 de várias fontes do Montseny, como a *fonte de l'Escot*, em suas obras de geologia.

Imagem 2. Fonte de l'Escot em Viladrau.



Fotografia de Adrià Corella.

As atrativas paisagens do Montseny fizeram aparecer hotéis e pousadas alugar aos primeiros viajantes. No vale de Santa Fé se instaurou um dos primeiros centros turísticos urbanos para a burguesia barcelonesa, que buscava a bondade das águas e o clima da montanha. Muitas fontes foram adequadas ao estilo arquitetônico da época, buscando a ideologia modernista, e à partir de 1920, ficaram estampadas nos postais que se comerciavam, como podemos ver e nas fotos das *fontes del Frare* e de *Passavets*. Em todo o Montseny muitas outras fontes, foram refeitas seguindo o mesmo estilo da *fonte d'en Bosch* (Arbúcies) ou da *fonte d'en Figueres* (Gualba).

Em La Garriga, paradigma do disfrute das águas termais, as fontes foram remodeladas segundo os cânones da arquitetura modernista, similar as suas elegantes torres (Cuspinera, 2001). Assim se construiu a bela *fonte del Passeig*, ou a impressionante *fonte de Santa Digna*, desenhada pelo famoso arquiteto Manuel Raspall.

8. Saúde e fontes

A água mineral é aquela que provém de um manancial que, além de ser potável, têm características especiais de composição que lhe dão um sabor diferente e a fazem apta para dietas ou ações terapêuticas.

A tradição romana do uso de águas termais foi-se perdendo, mas nos finais do século XVIII houve uma recuperação do culto higiênico e medicinal das águas termais. Nos balneários levava-se uma vida de repouso, de cuidados com a saúde, de reunião e interação social

distante da vida cotidiana. Nos anos da guerra de 1936-1939, alguns dos balneários se converteram em centros hospitalares e de acolhida de refugiados.

Em La Garriga, capital das águas termais do parque natural do Montseny (Escolà, 2007), a água da *fonte del Pou Calent* formou no século XIV o início do núcleo urbano em torno da Plaza de Santa Isabel. A primeira exploração moderna das águas ocorreu em 1840, no balneário Blancafort, local de prestígio frequentado por personalidades da vida social como Jacint Verdaguer, Francesc Cambó ou Francesc Macià.

Há evidência de fontes com ferro no Montseny em Arbúcies, Gualba e Viladrau. Estas betas ferruginosas foram perdidas em alguns casos, mas ainda resta a toponímia que atesta suas propriedades. Muitas das fontes curativas foram promovidas pelos mesmos médicos para a ingestão de suas águas. O doutor Carulla³ recomendava se hospedar em Viladrau para disfrutar de seu ambiente e de suas águas, como a *fonte de Miquel*. Também tinha muita fama por serem boas para a saúde as fontes do vale de Santa Fé (Fogars de Montclús), e entre elas em 1905 a que possuía a melhor água era a *fonte Nova*.

9. As romarias do Montseny

As fontes têm sido tradicionalmente espaços de desfruto e encontro. Nas calorosas tardes de verão a fonte proporcionava abrigo, sombra e água fresca para os aldeões. Desde os primeiros excursionistas românticos até a primeira metade do século XX, as pessoas celebravam festas com cafés da manhã e lanches, encontros e festas tradicionais, como a “Tornaboda” depois da Festa Maior, com bailes e danças em torno das fontes mais renomadas (Mitjans, 1993). Um exemplo é a fonte Pintoresca de Breda (1912) onde se celebravam bucólicas festas.

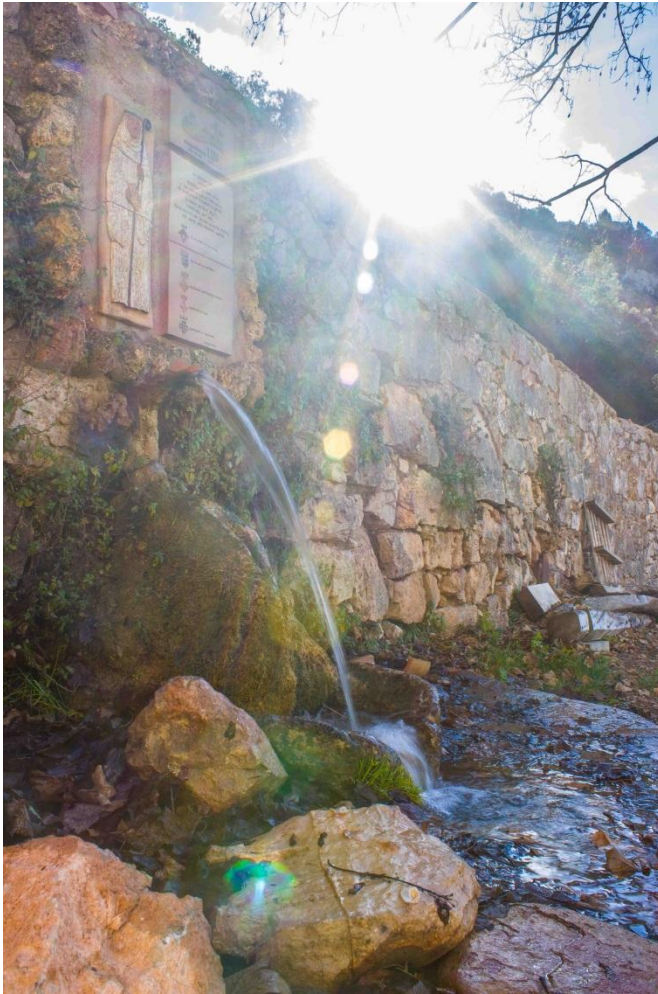
Na *fonte del Lleó* de Aiguafreda os turistas se acercavam ataviados como se fossem a um ato social da capital. Fontes antigas são redesenhadas seguindo os novos estilos arquitetônicos, se tornam inspiração para literários, e algumas se dedicaram a escritores e poetas. Em 1936 Marià Manent propôs reformar a antiga *fonte de l’Oreneta* de Viladrau como homenagem a Jaume Bofill i Mates⁴. Francesc Vendrell promoveu em 1930 a renovação da antiga *fonte de Can Pons* pela neoclássica *fonte de Montserrat* (Campins), ao gosto dos turistas para celebrar encontros campestres.

A religiosidade também se manifestava entorno das fontes. Na votação de Sant Marçal as pessoas de Viladrau paravam na *fonte Bona* (Hilari, 1995). Os do povo do Montseny faziam o voto popular passando pela *fonte de les Illes* (Albesa, 1990). Também a celebração da romaria do Santo Cristo em Aiguafreda de Dalt se fazia no alto planalto ao redor da *fonte de la Abadessa* (Garcia-Pey, 1997) e na procissão de Sant Martí sobre a *fonte dels Enamorats* se rezava uma “*salve*” (Masnou, 1988).

³ Valentí Carulla Margenat (1864-1923), catedrático das universidades de Sevilla e Barcelona. Diretor do Hospital Clínico de Barcelona. Reitor da Universidade de Barcelona. Desde 1915 até 1923 foi presidente da Real Academia de Medicina da Catalunha.

⁴ Pseudônimo literário de Jaume Bofill i Mates (1878-1933), escritor, poeta e político espanhol de tendência catalanista.

Imagem 3. Fuente de la Abadessa em Aiguafreda.



Fotografia de Adrià Corella.

10. As fontes perdidas

Às vezes se perdem as fontes porque são canalizadas para as aldeias vizinhas para aproveitar a água para as tarefas agrícolas, como na *fonte de la Llobera* (Seva). A adaptação de velhas fazendas a residências secundárias supõe também a canalização da água do manancial natural, como a *fonte del Noc* (Viladrau).

Encontramos canos secos como consequência do movimento da água, como a *fonte de Cal Marxant* (Sant Feliu de Buixalleu). Ou bem pela escassa precipitação associada à mudança ambiental como a *fonte del Terrer* (Sant Pere de Vilamajor). Alguns estão a tal altitude que quase não têm rota subterrânea, o que faz com que operem de forma descontínua, como a *fonte de l'Obra* (Tagamanent). Outras, devido à sua localização em lugares pouco visitados, ficam esquecidas em silvas inacessíveis como a *fonte de Can Perepoc* (Campins).

Também sucede as vezes a feliz conjuntura que as fontes perdidas sejam recuperadas. Fontes que estavam identificadas em velhas publicações, mas nunca vistas, estão sendo recuperadas nos últimos anos por amantes destas belas construções, como a *fonte Ferro de la Sala* (Viladrau).

11. A nova indústria da água

No maciço do Montseny, no último quarto do século XIX apareceu outra forma de exploração das fontes naturais, as novas indústrias engarrafadoras de água natural, uma vez que a concentração humana nas cidades, abriu um novo mercado para a venda de água mineral engarrafada.

Uma das primeiras águas analisadas quimicamente para o consumo foi a da *fonte del Regàs* (Arbúcies). Em 1887 sua água foi catalogada mineral natural medicinal, e inaugurou-se como manancial rainha regente em 3 de julho de 1890. No início, as garrafas de vidro foram enchidas à mão diretamente do tubo, até que na década de 1960 a fábrica de engarrafamento começou a operar de maneira industrial.

A eclosão da indústria da água envasada no Montseny teve início no último quarto do século XX. A *fonte Alegre* converteu-se na planta engarrafadora *Aigua de Viladrau* em 1968. *Font Agudes* foi fundada em 1972 em Arbúcies e extrai a água da *fonte dels Ametllers*. Segundo a Associação Catalana de Envasadores de Águas, 80% da produção da Catalunha procede do Montseny⁵. A maioria dos Envasadores do Montseny concentram-se na bacia do rio Tordera, fora dos limites do parque natural (González, 2003).

12. Espaços patrimoniais ao abrigo das fontes

Cada povoado do Montseny tem suas fontes mais queridas, aquelas que representam um espaço patrimonial próprio e de identidade. São fontes que encontramos nos caminhos históricos como a *fonte Borrell* (St. Pere de Vilamajor) ou a *fonte de les Acàcies* (Cànoves), parada tradicional desde o emblemático castanheiro *Gros d'en Cuc* (Vallforners). Outras devem seu carácter patrimonial à abundância de seus jatos de água, como a *fonte Maria Negra* de Arbúcies.

Estas fontes patrimoniais apresentam construções firmes, onde o valor natural do entorno combina-se com aspectos culturais como recitais de poesias e atividades de ócio, como a *fonte de Pinós* (Aiguafreda); ou fontes dedicadas aos santos patronos locais, como a *fonte de Sant Vicenç* (Riells i Viabrea).

Outras fontes são de carácter urbanos e, apesar de haverem perdido o manancial de água natural e estarem conectadas hoje a rede municipal, mantêm o interesse arquitetônico ou histórico, como a *fonte del Pujol* no final do perímetro urbano da paróquia de Sant Julià del Montseny. Perto da igreja paroquial ou na praça principal de cada povoado, não pode falta nunca uma fonte. Assim temos a *fonte de Sant Joan* de Campins (1925), ou a *fonte de la Plaça* de Aiguafreda, fechada em 1871. Algumas destas fontes patrimoniais foram erguidas para comemorar a chegada da água potável na cidade, como a *fonte del Novè Centenari* (1917) em Breda.

⁵ No total se extraem 1.500 milhões de litros ao ano, o que supõe 27% do total de litros envasados na Espanha. A Associação Catalana de Envasadores de Águas agrupam a 25 empresas que representam 100% da atividade na Catalunha.

13. Diagnóstico ambiental

Nos entornos naturais mais abruptos, nos bosques e nas torrentes, as fontes costumam estar mais integradas no meio natural, com espécies típicas de entornos úmidos, como a *fonte de Can Mir* (Sant Esteve de Palautordera). Por outro lado, nas fontes mais frequentadas, com acesso a pé por pista, os valores ambientais foram apartados em favor do aproveitamento humano, como na *fonte dels Gitanos* de Figaró. O património natural e humano das fontes do Montseny são um claro exemplo da relação intrínseca de ambos fatores.

Na estrutura geológica do Montseny predominam materiais siliciosos, daí as águas que circulam são muito pouco mineralizadas em comparação com os solos calcários. Esta circunstância, junto com atividades humanas pouco invasivas, fizeram que em geral as fontes mantenham um bom estado ambiental. No entanto, hoje em dia pode-se observar como os jatos da água vão diminuindo pelas captações ou pela diminuição dos níveis dos aquíferos.

A pesar do intrínseco valor ambiental e patrimonial das fontes, até os últimos anos não apareceram estudos científicos de diagnósticos no Montseny. Há moradores do vale de Santa Fé (López Cortijo, 1991), das águas subterrâneas e seus contextos geológicos (Carmona, 2002), das características hidro geoquímicas, e incluso no desenvolvimento de um método sistemático de obtenção de dados físico-químicos para concluir propostas de melhoras de seu estado (Gallart, 2003). Ultimamente foram realizados estudos sistemáticos dos parâmetros mineralógicos de centenas de fontes do Montseny do Norte (Farrerons, 2017).

14. Conclusões

As fontes são elementos do património cultural, histórico, social e natural destacados no território do Montseny. Deve-se preservar as tradições, costumes e hábitos que são realizados em proteção as fontes. É necessário recuperar o usufruto das fontes do Montseny e reivindicar sua perspectiva social. As fontes representam pôr a água ao alcance de toda população, significa a socialização de um recurso natural, a fonte torna a água alcançável ao consumo humano. Desde o início do século XX as excursões e celebrações terminavam com uma comida campestre em um abrigo de alguma fonte; as condições sociais mudaram muito desde então, mas esses câmbios não puderam apagar a atração que os mananciais de água exercem sobre nós. O estudo teórico da história e das lendas, e sua disseminação por diferentes meios, deve permitir primeiro a recuperação da memória histórica, e posteriormente a reconstrução e proteção das fontes como património indissociável da montanha do Montseny.

Agradecimentos à Felipe Machado pelo assessoramento linguístico.

Referências bibliográficas

Albasa, C. (1990): Postals del Montseny. Publicacions de l'Abadia de Montserrat.

- Albesa, C. (1996): Postals del Montseny 2. Publicacions de l'Abadia de Montserrat.
- Almera, J. (1884): Excursió al Montseny: Descripció física de la Muntanya. La veu del Montserrat. Any VII. Vic.
- Ariet, A. (1915): Topografía Médica de Viladrau. Barcelona: Fidel Giró Impressor.
- Barberà, M., y Palau, J. (2000): Història geològica del massís del Montseny-Guilleries.
- Boada, M. (1992): Llegendes del Montseny. Girona: Carles Vallès – Editor.
- Boada, M. (2003): Introducció. En Ll. Pagespetit (autor). 111 fonts del Montseny i molts indrets per descobrir, Sant Vicenç de Castellet: Farell editors.
- Carmona, J. M., Font, X., y Viladevall, M. (2002): Relació entre les característiques químiques de les aigües subterrànies del Montseny i el seu context geològic. Diputació de Barcelona, http://cataleg.parcs.diba.cat/documents_diba/p03d002.pdf , consulta: 23 abril 2018.
- Castelló, R. (2000): Hidrogeologia en roques granítiques. Barcelona: Font d'Or. L'aigua per naturalesa. Columna Edicions.
- Cuspinera, Ll., y Clusellas, C. (2001): El Modernismo de veraneo en el Vallès Oriental. Le Modernisme des résidences d'été dans le Vallès Oriental. Diputació de Barcelona, Consorci de Turisme del Vallès Oriental.
- Escolà, H., Noguera, E., y Panareda, J.M. (2007): Les fonts de la Garriga. Monografies del Montseny, 22. Viladrau: Amics del Montseny.
- Farreras, M. (1929): El Montseny, su presente y su porvenir. Barcelona: Ed. Garrofé.
- Farrerons, O., y Prat, F. (2017). Anàlisi mineralògica de les fonts del Montseny Oest (Osona), <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1TyPB0pHAeaN3YgddagvMbuCLpG8&ll=41.783666267183336%2C2.258210616302449&z=13> consulta: 24 abril 2018.
- Gallart, M., Jiménez, N., Montijano, V., Olivé, M., y Ros, A. (2003): Diagnosi ambiental i historicocultural de les fonts més representatives del Parc Natural del Montseny. Diputació de Barcelona, http://cataleg.parcs.diba.cat/documents_diba/p03d098.pdf , consulta 23 abril 2018.
- González, I., La Cera, P., Valero, M., Vico, À., y Viñas, M. (2003): Parc Natural del Montseny: anàlisi del medi natural i gestió de l'aigua. Universitat Autònoma de Barcelona, http://81.47.175.201/montseny/attachments/article/31/plantes_embotelladores.pdf, consulta abril 2018.
- Herrero, H. (2002): Quaderns de Vilamajor. Rutes d'aigua (I), 3, Sant Pere de Vilamajor.
- Hilari, P. (1995): Revista Montseny, 9.
- Lloreda, J. (1902): Una excursió al Montseny. Catalunya Artística, 117. Barcelona.

López Cortijo, J., y Bombí, A. (1991): Les fonts de la vall de Santa Fe. Monografies del Montseny, 6. Viladrau: Amics del Montseny.

Masnou, J. (1988): La parròquia d'Aiguafreda a través de les visites pastorals, segles XVI-XIX. Temes Aiguafredencs V.

Mitjans, R., y Soler, T. (1993): Músics de flabiol i bombo. Barcelona: Alta Fulla.

Osona, A. (1879): Excursió a la muntanya de Montseny per un propietari de la Vila de Breda. Barcelona: Impremta Barcelonesa.

Pach, A. (1951): "Albores del excursionisme", en Centro Excursionista de Catalunya 1876 – 1951. Barcelona: Centro Excursionista de Catalunya.

Panareda, J.M. (2007): Descubrim el Montseny. Publicacions de l'Abadia de Montserrat.

Renau, X. (2001): Les llegendes de les dones d'aigua. Monografies del Montseny, 16. Viladrau: Amics del Montseny.